

FILHOS POR ADOÇÃO: UM ESTUDO SOBRE AS DIFICULDADES PERCEBIDAS NO SEU PROCESSO EDUCATIVO EM FAMÍLIAS COM E SEM FILHOS BIOLÓGICOS

Suzana Sofia Moeller SCHETTINI¹

Cristina Maria de Souza Brito DIAS²

RESUMO: A questão de encontrar dificuldades com a educação de filhos parece ser universal, entretanto, é nas filiações por adoção que, muitas vezes, determinados aspectos do processo educativo emergem revestidos de uma magnitude extrapolada. O objetivo geral desta pesquisa consiste em identificar as dificuldades percebidas no processo educativo de filhos por adoção, em famílias com e sem filhos biológicos. Especificamente, pretende-se, também, caracterizar o perfil dos pais adotivos e determinar se há relação entre as variáveis sócio-demográficas e as dificuldades arroladas; investigar se existem dificuldades que são atribuídas ao processo adotivo propriamente dito; identificar quais os fatores que contribuem para as dificuldades percebidas pelos pais adotivos; analisar, através das respostas dos pais adotivos que também têm filhos biológicos, se eles consideram que os filhos adotivos são mais problemáticos do que os biológicos; comparar os dados obtidos entre pais que adotaram com e sem filhos biológicos; detectar se existem diferenças na educação de filhos biológicos e adotivos. A pesquisa é de natureza quali-quantitativa tendo sido investigada uma amostra de 200 pais adotivos, dos quais 100 possuem filhos biológicos e adotados e 100 apenas filhos adotados. Os dados foram coletados através de questionário compreendendo questões abertas e fechadas. Será feita análise qualitativa em 10% dos questionários. Resultados preliminares demonstram que a maioria dos pais adotivos não enfrentou dificuldades importantes na educação de seus filhos adotados. Também parece não haver diferenças significativas entre os dados levantados nos dois grupos de pais.

Palavras chave: Adoção, processo educativo, dificuldades

ABSTRACT: The difficulties related with children education seem to be universal, however, inside the adoptive filiation some aspects from the educational process emerge reinforced with an extrapolated magnitude significance. The main purpose of this research is to identify the difficulties perceived during the educational process of adoptive children, in families with and without biological children. Specifically, our purpose is also to

¹ Psicóloga, mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP-
E-mail: suavi@oi.com.br

² Orientadora, Profa Doutora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco-
UNICAP – E-mail: Cristina_britodias@yahoo.com.br

describe adoptive parents' profile and determine if there is a relation in between the social demographic profile and the difficulties related; investigate if there are difficulties being laid to the adoptive process by itself; identify what are the factors that contribute for the difficulties perceived by the adoptive parents; analyse through the answers of adoptive parents that also have biological children, if they consider the adoptive children more problematic than biological ones; compare the results obtained from adoptive parents that have and don't have biological children; find out if there are differences in the education of biological and adoptive children. In this direction, we are fulfilling a quantitative type research and 10% of the questionnaires will also be analyzed qualitatively. Our data was obtained through a questionnaire with 42 items that was applied to 200 adoptive parents, being 100 only adoptive parents and 100 biological and adoptive. Preliminary results indicate that the majority of adoptive parents have not faced any important difficulties during the education process of their adopted children. Also there were not found significative differences between the data shown by the two groups of parents.

Key words: Adoption, educational process, difficulties

INTRODUÇÃO

Uma das características essenciais do ser humano é o desejo de procriação e continuidade por meio da experiência da maternidade e paternidade. Na sua maioria, homens e mulheres desejam ter e criar seus filhos, de modo a realizar-se tanto no plano biológico quanto psíquico. Como afirma Schettini (1998), o filho dá sentido ao casal, e é a resultante esperada da relação homem-mulher. Ele representa um terceiro referencial que completa o equilíbrio. Segundo o autor, é da interação dos três pólos, homem, mulher e filho, que surge a verdadeira unidade familiar.

Para a maioria dos pais adotivos, a idéia da adoção nasce da necessidade de reparar um transtorno biológico, onde a natureza impediu que os filhos fossem gerados pelas vias naturais. Desta forma, a partir da frustração advinda da tentativa de ter filhos biologicamente, entra em consideração a possibilidade de suprir a lacuna da maternidade-paternidade, valendo-se da capacidade de outras pessoas de procriar, a fim de, através da adoção, constituir a sua prole (SCHETTINI, 1998).

Para Hamad (2002, p.84), adotar uma criança é um ato que deve ser relacionado a uma maturidade e disponibilidade psíquica “que permite ao casal abrir-se para acolher em seu seio uma criança que não viria mais reparar uma injustiça ou suprir uma falta, mas, antes, o seu lugar no desejo de um casal”.

Segundo Winnicott (1953/1997, p.115), “a história da adoção, quando transcorre bem, é a de uma história humana comum e ela apresenta perturbações e contratempos que fazem parte da história humana comum, em suas infinitas variações”.

Se outrora, “a partir das crenças populares, a adoção era considerada um desvio da norma universal, a qual seria a filiação genética e consangüínea” (LADVOCAT, 2002, p.31), nos dias atuais, é reconhecida como uma outra possibilidade de fundar uma família que, se não conta com os vínculos consangüíneos, está legitimamente fundamentada nos laços afetivos, podendo trazer resultados tão satisfatórios quanto a filiação biológica. Na verdade, como muito bem define Levinzon (2004, p.25) “toda filiação é, antes de tudo, uma adoção”. Em outras palavras, a adoção é a única possibilidade de se constituir uma verdadeira parentalidade e a única maneira de genitores tornarem-se pais.

O ciclo vital da família adotiva, diferentemente de famílias biológicas, funda-se a partir da perda dos laços primários de uma criança que vai necessitar de uma nova família para desenvolver-se como filho e como pessoa. Por outro lado, considerando-se o contexto da infertilidade, um casal enfrenta a desilusão por sua incapacidade biológica de gestar e precisa abrir-se a uma parentalidade afetiva para acolher um filho nascido de outros. É o encontro de duas impossibilidades: a criança não pode permanecer no contexto em que nasceu; o casal não pode dar à luz um filho. “Mesmo com intensidades dolorosas diversas, a criança foi privada de um vínculo real e o casal teve que renunciar a uma aspiração natural” (D’ANDREA, 2002, p. 242).

A questão de encontrar dificuldades com a educação de filhos parece ser universal, entretanto, é nas filiações por adoção que, muitas vezes, é atribuída uma significância extrapolada a determinados aspectos do processo evolutivo infantil. Frequentemente, crises pertinentes ao desenvolvimento normal de qualquer criança são confundidas e erroneamente atribuídas como sendo “problemas da adoção”. O mito popular de que “o filho adotivo sempre dá problema” está muito impregnado no imaginário social.

A literatura e a prática clínica evidenciam que há uma forte correspondência entre as dificuldades dos pais e a resposta comportamental dos filhos. Observa-se que muitos pais adotivos, inseguros no seu lugar de pais, passam mensagens ambivalentes aos seus filhos adotados, os quais, em decorrência, apresentam dificuldades para perceber a sua família como “verdadeira e natural”. Os preconceitos sociais e as pressões advindas de familiares também contribuem para reforçar essa percepção. Na maioria das vezes, as dificuldades não estão no filho adotado, mas nos pais que o adotaram ou nas pessoas que o cercam, com suas atitudes preconceituosas.

Por outro lado, não podemos perder de vista as especificidades que fazem parte do contexto adotivo. A contingência de ser uma família adotiva traz características especiais que não devem ser negadas, mas, ao contrário, assumidas integralmente. A adoção segue uma trajetória própria e existem diferenças que precisam ser compreendidas, elaboradas e integradas no processo educativo num sentido geral. “A maior parte delas decorre do fato de que a criança chegou à família por um caminho diferente do usual. Além disso, existem dois casais parentais, o que não é usual na nossa cultura, e, às vezes, é difícil de entender pela criança” (LEVINZON, 2004, p.25). No caso da criança adotada, genitores e pais não coincidem. Entretanto, para a sua saúde psíquica e desenvolvimento tranqüilo, é fundamental que haja uma integração natural desses

personagens na sua história de vida e que ela possa compreender a importância de um e de outro na sua constituição enquanto sujeito.

Se os pais adotivos conseguirem assimilar, integrar e elaborar as especificidades do processo adotivo, assumindo-se como “verdadeiros pais”, conseguirão desenvolver uma boa relação parental e um ambiente acolhedor para seus filhos, onde estes poderão perceber-se aceitos e compreendidos incondicionalmente nas suas diferenças e peculiaridades. Conseqüentemente, o seu desenvolvimento ocorrerá livremente e o processo educativo transcorrerá com naturalidade.

Diniz (2001) afirma que os filhos não terão problemas se os pais adotivos não os tiverem, e maus pais adotivos também seriam maus pais naturais. É a partir do desempenho da relação parental que se organiza a experiência da criança e a qualidade de seu vínculo. Como em qualquer relação entre pais e filhos, se os pais adotivos vivem a adoção de forma perturbada, isto poderá resultar em um efeito prejudicial no filho.

O processo educativo dos filhos adotados é o enfoque central deste estudo. Neste sentido, nosso objetivo geral consiste em identificar as dificuldades percebidas no processo educativo de filhos por adoção, em famílias com e sem filhos biológicos. Especificamente, pretendemos caracterizar o perfil dos pais adotivos e determinar se há relação entre as variáveis sócio-demográficas e as dificuldades arroladas; investigar se existem dificuldades que são atribuídas ao processo adotivo propriamente dito; identificar quais os fatores que contribuem para as dificuldades percebidas (mitos e preconceitos, idade da criança no momento da adoção, perfil dos pais, dificuldade para revelar a condição adotiva); analisar através das respostas dos pais adotivos que também têm filhos biológicos se eles consideram que os filhos adotivos são mais problemáticos do que os biológicos; comparar os dados obtidos entre pais que adotaram com e sem filhos biológicos; detectar se existem diferenças na educação de filhos biológicos e adotivos.

Embora tenha havido um incremento na produção literária e nas pesquisas sobre a adoção na última década, ainda são poucos os estudos abordando a percepção do processo educativo dos filhos adotados, principalmente quantitativos. Dessa forma, a presente pesquisa objetiva fornecer bibliografia complementar para o tema, visando a beneficiar as famílias adotivas em geral e as demais instituições envolvidas no ato de adoção (Grupos de Apoio à Adoção, Juizados da Infância e Adolescência). Insere também uma intenção social: desmistificar a filiação por adoção, reconhecendo-se as suas especificidades, identificando-se os conflitos e as ansiedades que dificultam o processo educativo dos filhos adotados. Dentro dessa compreensão, pretende-se contribuir para abordagens preventivas e de assistência às famílias adotivas, com técnicas e procedimentos psicológicos do método clínico.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza quali-quantitativa. O instrumento de pesquisa foi aplicado a uma amostra aleatória simples, de natureza não-probabilística, sendo que os dados coletados ainda estão sendo analisados visando a elaboração do relatório final do estudo.

Sujeitos: a amostra ficou constituída por dois grupos distintos de pais adotivos, de diferentes classes sociais e culturais, provenientes das cinco regiões brasileiras. O primeiro grupo consiste de 100 pais cuja prole é constituída apenas por filhos adotivos. O segundo grupo, igualmente constituído por 100 pais, tem filhos adotivos e biológicos. Estabelecemos um período de convivência de, no mínimo, três anos com a criança adotada como critério para habilitar a participação na pesquisa. Este período foi estabelecido porque existe a necessidade de um histórico na filiação adotiva que ultrapasse o período adaptativo dos primeiros anos, para que as experiências acumuladas sejam relevantes. Com o objetivo de reduzir o espectro de variáveis, optamos por considerar neste trabalho apenas adoções efetuadas por casais heterossexuais, casados ou em união estável. Em consonância com os requisitos estabelecidos pela

Comissão de Ética que avaliou a pertinência do estudo, todos os pais participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Instrumento: os dados foram coletados através de um questionário, especialmente elaborado para este fim, contendo 42 questões abertas e fechadas, que compreenderam os dados demográficos e questões que atendiam aos objetivos específicos do estudo.

Procedimento de coleta dos dados: os questionários foram entregues pessoalmente pela pesquisadora a pais participantes das reuniões mensais do GEAD-Recife (Grupo de Estudo e Apoio à Adoção) ou remetidos via Internet ou correio às associações de pais, que possuem intercâmbio com o GEAD-Recife, localizadas em outras regiões brasileiras.

Procedimento de análise dos dados: os dados foram levantados utilizando-se o programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). A análise dos dados ainda encontra-se em processamento. Na análise quantitativa usaremos estatística descritiva em termos de frequência e percentual e Qui-quadrado para verificar as diferenças entre os grupos. Tabelas e gráficos serão usados para resumir os dados e obter uma melhor compreensão. No tocante às questões abertas, elas foram analisadas e agrupadas por categorias (BARDIN, 1979). Será feita análise qualitativa a respeito de conteúdos com relevância para a pesquisa em 10% dos questionários, elencando-se os temas predominantes.

RESULTADOS PRELIMINARES

1) Em relação aos *dados demográficos* dos sujeitos, participaram 162 mães adotivas (81%) e 38 pais adotivos (19%). Destes, 44 (22%) são provenientes da região sul, 61 (30%) da região sudeste, 14 (7%) da região centro-oeste, 69 (35%) da região nordeste e 12 (6%) da região norte. Em relação à faixa etária, 63 (32%) têm entre 31 e 40 anos, 91

(46%) entre 41 e 50 anos e 41 (20%) acima de 50 anos. Quanto ao estado civil, 164 (82%) são casados e os demais estão distribuídos em separados/divorciados e viúvos. Quanto à escolaridade, 123 (62%) têm o curso superior completo e os demais estão distribuídos nos demais níveis. No que se refere à raça, 157 (79%) são brancos. No que diz respeito à religião, 115 (58%) são católicos, 44 (22%) são espíritas, 28 (14%) são evangélicos. Finalmente, quanto ao nível sócio-econômico, 33 (16%) percebem entre 3 e 6 salários mínimos, 51 (26%) entre 6 e 9 salários mínimos, 45 (23%) entre 9 e 15 salários mínimos e 57 (28%) mais do que 15 salários mínimos.

2) *Quanto aos filhos adotados*: 125 (63%) têm somente um filho adotado, 54 (27%) têm dois filhos, 16 (8%) têm 3 filhos e 5 (2%) têm mais do que 3 filhos. A pesquisa abarca um contingente de 310 filhos adotados, sendo que 154 (49,5%) são do sexo feminino e 156 (50,5%) são do sexo masculino. Em relação às meninas, 38 (25%) têm entre 3 e 5 anos de idade, 60 (39%) entre 6 e 10 anos, 30 (19%) entre 11 e 15 anos, 20 (13%) entre 16 e 20 anos e 6 (4%) têm acima de 20 anos. No que se refere aos meninos, 35 (22%) têm entre 3 e 5 anos de idade, 65 (42%) entre 6 e 10 anos, 33 (21%) entre 11 e 15 anos, 11 (7%) entre 16 e 20 e 12 (8%) têm mais do que 20 anos. Quanto à idade em que foram adotadas, 207 (67%) crianças foram adotadas com 0 a 6 meses de idade, 24 (8%) com 7 a 12 meses, 25 (8%) com 13 a 24 meses, 22 (7%) com 25 a 48 meses e 32 (10%) com mais de 48 meses.

3) Em relação às *motivações para as adoções*, no grupo dos pais sem filhos biológicos, 94% dos sujeitos adotaram devido às impossibilidades biológicas para procriar, enquanto 6% desejavam filhos e não queriam passar pelo processo de gestação. No grupo com filhos biológicos e adotivos, 36% adotaram em função de motivos altruístas (solidariedade, cidadania); 23% pretendiam aumentar a família e não havia mais possibilidade biológica para tal; 18% afirmaram que o projeto familiar incluía filhos biológicos e adotivos.

4) Quanto à *preparação para a adoção*, 155 sujeitos (78%) afirmaram que não tiveram nenhum preparo anterior ao ato de adoção; 44 (22%) tiveram o preparo oferecido pelos profissionais das Varas da Infância, literatura especializada e contatos com outros pais adotivos e/ou participação nas associações de apoio à adoção (GEADS); apenas 1 sujeito afirmou que o casal passou por um processo psicoterápico antes de encaminhar-se à adoção.

5) No que tange à *preparação/aceitação dos familiares*, 119 sujeitos (60%) afirmaram não terem enfrentado resistências familiares em relação a sua decisão de adotar; 81 (40%) as enfrentaram. O segundo grupo apresentou 122 indicações de resistências, sendo que em 33 indicações (27%) as resistências partiram dos companheiros, em 27 (22%) dos avós maternos, em 32 (26%) dos avós paternos, em 6 (5%) dos irmãos (filhos biológicos) e em 24 (20%) de outros membros da família extensa. Em 45% dos casos em que houve resistências, as mesmas foram vencidas com a chegada da criança e com a convivência com ela; em 34% houve a necessidade de muito diálogo e em 13% não houve possibilidade de vencê-las.

6) Quanto à percepção da *adaptação da criança à família*, 177 sujeitos (89%) afirmaram que seus filhos adotivos não tiveram dificuldades nesse aspecto; 18 sujeitos (9%) apontaram dificuldades diversas relacionadas com as adoções de crianças maiores (dificuldades alimentares, dificuldades quanto à aceitação de regras e limites, problemas de relacionamento, etc) e 5 sujeitos (2%) apontaram dificuldades afetivas na adoção de bebês.

7) Em relação ao *conhecimento pela criança de sua origem*, 189 sujeitos (95%) afirmaram que seus filhos têm conhecimento de sua história de adoção; em 103 casos (51%) a revelação da condição adotiva aconteceu antes dos 2 anos de idade, em 31 casos (16%) entre 2 e 3 anos de idade, em 12 casos (6%) entre 3 e 4 anos, em 26 casos (13%) após os 4 anos de idade, em 17 casos (9%) as crianças tinham

consciência da adoção, pois tratavam-se de adoções de crianças maiores. Em 175 casos (88%) a revelação da condição adotiva aconteceu de forma tranqüila, sendo que em 12 casos (6%) os pais tiveram dificuldades para abordar o assunto.

8) Quanto à *apresentação ou não de dificuldades*, 110 sujeitos (55%) afirmaram que seus filhos não apresentaram problemas de comportamento durante o seu processo educativo. Neste grupo, estão incluídos 56 sujeitos sem filhos biológicos e 54 sujeitos com filhos biológicos, o que indica não haver uma diferença significativa entre os dois grupos quanto ao comportamento dos filhos num sentido geral. Dos 30 sujeitos (15%) que referem problemas de comportamento, eles os atribuem à história anterior do filho e suas seqüelas; 12 sujeitos (6%) relacionam os problemas de comportamento às características de personalidade e temperamento dos filhos, 16 (8%) os atribuem às dificuldades e inexperiência dos pais adotivos/ 11 sujeitos (5,5%) os atribuem a sentimentos auto-depreciadores dos filhos e ao medo de um novo abandono.

9) Houve um total de 247 indicações de *problemas de comportamento*. Entre os problemas mais freqüentes, houve 30 indicações (12%) para agressividade, rebeldia e impulsividade, 27 (11%) para dificuldades de socialização (aceitação de regras, limites), 12 (5%) para hiperatividade e 8 (3%) para sentimentos auto-depreciadores (baixa auto-estima). Em relação às dificuldades no âmbito da escola, 92 sujeitos (46%) afirmaram que seus filhos não enfrentaram dificuldades; 42 (21%) referem dificuldades de aprendizagem, 30 (15%) dificuldades de concentração da atenção, 10 (5%) desinteresse pelo estudo e preguiça, 9 (4,5%) problemas comportamentais e indisciplina, 10 (5%) dificuldades de relacionamento com os colegas.

10) Setenta e dois sujeitos (36%) afirmam que o *processo de desenvolvimento* de seus filhos transcorreu de forma normal, sendo que não constatarem nenhuma *fase crítica* digna de registro; 25 sujeitos

(12%) consideraram a faixa etária entre os 5 e 8 anos como a mais crítica; 20 (10%) elegeram a pré-adolescência (9-12 anos) como a mais crítica; 26 (13%) apontaram a adolescência como a mais difícil; 22 (11%) não têm condições de avaliar ainda porque os filhos ainda são muito pequenos.

11) Do total, 143 sujeitos (72%) afirmaram não terem enfrentado *difficultades quanto ao estabelecimento de limites* na educação de seus filhos adotados. Este percentual inclui 78 sujeitos do grupo com filhos adotivos e biológicos e 65 sujeitos do grupo com filhos adotivos somente.

12) Do total, 178 sujeitos (89%) não constataram *comportamentos estranhos* em seus filhos *em relação à sexualidade*; 13 (6,5%) referiram precocidade quanto à sexualidade, 4 (2%) referiram confusão quanto à identidade sexual.

13) *Em relação aos preconceitos sofridos*, 136 sujeitos (68%) afirmaram que seus filhos não sofreram discriminação ou preconceito em relação à adoção, enquanto 64 (32%) sofreram. A escola foi o âmbito de maior índice de discriminações (15%).

14) No que tange às *difficultades enfrentadas por ser adotivo*, 136 sujeitos (68%) consideram que as dificuldades no processo educativo não têm relação com a adoção; 34 (17%) consideram que têm relação e 30 (15%) não responderam a esta pergunta, não sabem ou têm dúvidas.

15) Dos 100 *pais com filhos biológicos e adotivos*, 34 sujeitos (34%) acreditam que as dificuldades no processo educativo tenham sido semelhantes nas duas categorias de filhos; 33 (33%) acreditam que as dificuldades tenham sido diferentes para cada categoria; 5 (5%) acreditam que as dificuldades foram maiores com os filhos biológicos; 11 (11%) acreditam que tenham sido maiores com os filhos adotivos, 17 (17%) afirmam não ter tido nenhuma dificuldade.

CONCLUSÕES

Ainda nos encontramos no processo inicial da análise dos dados. Entretanto, já conseguimos visualizar que, num sentido geral, as adoções parecem transcorrer bem em todas as famílias que participaram da pesquisa. A incidência de problemas apresentados pelos pais adotivos não é relevante. É muito provável que se tivéssemos considerado pais apenas biológicos, ao invés de adotivos, os mesmos aspectos e índices muito parecidos teriam emergido. Educar filhos é complexo em qualquer forma de filiação, principalmente, com os novos ingredientes atrelados à contemporaneidade (consumismo desenfreado, hedonismo, violência desmedida, individualismo, liberação da sexualidade, incremento da drogadição, etc).

Pelo que podemos perceber até o momento, parece não existir diferenças significativas entre os dois grupos de sujeitos objetos deste estudo (com e sem filhos biológicos). O perfil dos pais é bastante idêntico (idade, etnia, escolaridade, orientação religiosa, renda familiar). O processo educativo dos filhos, em ambos os casos, parece apresentar um panorama bastante similar nas questões referentes ao processo de revelação da condição adotiva, aos problemas de comportamento, dificuldades escolares e comportamentos estranhos em relação à sexualidade. Em relação às dificuldades quanto ao estabelecimento de limites, os pais com filhos biológicos parecem ter menos dificuldades neste sentido (78% alegam não ter tido dificuldades, enquanto que no grupo que só tem filhos adotivos, 65% referem não ter tido dificuldades).

Pode-se concluir, no momento, que a maioria dos pais adotivos não enfrentou dificuldades importantes na educação de seus filhos adotados. Também parece não haver diferenças significativas entre os dados levantados nos dois grupos de pais.

Como a análise ainda está em andamento, ela ainda poderá sofrer modificações. Os vários cruzamentos de dados que ainda precisam ser feitos trarão subsídios mais consistentes para uma análise final.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

D`ANDREA, A. O casal adotante. Em Andolfi, M. (Org), **A crise do casal uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.233-247.

DINIZ, J.S. A adoção como vivência afetiva. In FREIRE, F. (Org). **Abandono e adoção**: contribuições para uma cultura de adoção III. 1ª ed. Curitiba: Terra dos Homens, 2001, p.67-76.

HAMAD, N. **A criança adotiva e suas famílias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2002.

LADVOCA, C. **Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva**. Rio de Janeiro: Booklink Publicações, 2002.

LEVINZON, G.K. **Adoção**: Coleção Clínica Psicanalítica. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SCHETTINI, L. **Compreendendo o filho adotivo**. 1ª ed. Recife: Bagaço, 1998.

WINNICOTT, D.W. (1953). Duas crianças adotadas. In SHEPHERD, R., JOHNS, J., ROBINSON, H.T. (Org.). **D.W. Winnicott pensando sobre crianças**. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p.115-125.